

Vítimas de Violência

Dados estatísticos, 2018

Vítima

- 95% sexo feminino
- 53% desempregados
- 42 anos, idade média

Ofensor

- 44% cônjuge
- 20% companheiro
- 20% ex-companheiro
- 2% namorado/a
- 67% elementos do agregado familiar

2.300 representa o número de vítimas atendidas ao longo do ano de 2018 no **Centro de Atendimento A Vítimas de Violência da Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa**.

Patrícia Faro e José Pinto são os rostos da esperança de todas as vítimas que apoiam. A energia contagiante e a certeza de que podem fazer a diferença “como se tratasse da criação de um colorido emocional nas vítimas, que se encontrou perdido desde o primeiro momento em que entraram no ciclo da violência”, explicam.

Assumem confiantes que, “intervir na problemática da Violência Doméstica exige tempo, é um processo e se não for desta vez será certamente para a próxima ou na seguinte. Porque o que dissemos e fizemos ficou gravado, ainda que não de forma consciente.”

Quando questionamos a estratégia, Patrícia e José definem-na prontamente: “Criar empatia e repetir várias vezes... *a culpa não é sua.*” É crucial contrariar aquilo que o ofensor fez a vítima acreditar.

“A ambiguidade da vítima – porque a maior parte das vezes existe uma relação de dependência com o ofensor (seja psicoemocional, económica, afetiva) é uma dificuldade sentida por nós técnicos. Tentar chegar até ela, perceber esse lado e dizer-lhe que nada justifica a violência é o caminho.”

Quando questionados sobre o desgaste associado ao trabalho com vítimas e a crença no Sistema, esta equipa impõe claramente palavras de esperança.

“Vulneráveis e desacreditados nunca!”, partilham.

“Com Esperança, claro. Esperança de contribuir para um novo paradigma de justiça que reflita as expectativas e necessidades de todos os visados numa lógica de envolvimento das partes, aumento significativo da proteção às vítimas e responsabilização do agressor e sociedade...que somos todos nós!”

“Como em qualquer conto de fadas, as histórias começam sempre com o *Era uma Vez* que simbolicamente é a narrativa de cada vítima... os seus percursos, as suas capacidades e fragilidades que direta ou indiretamente condicionam o final da história do *Viveram felizes para sempre.*”

“...O fundamental é sentirem segurança e liberdade nas suas escolhas. Não há certo ou errado. Importa que cada um de nós encontre a felicidade, nem que seja por breves momentos ao longo da vida.”

Sabemos que este processo é um processo doloroso. Por vezes, elas [vítimas] terão de dar dois passos atrás para depois seguir, muito devagar, com um passo à frente. O afastamento do meio de origem, perder todos os recursos sociais e familiares, viver o desconhecido, é na maior parte das vezes o motor para o retorno ao meio de origem nomeadamente ao ofensor.



Patrícia Ribeiro Faro, Assistente Social
José Manuel Pinto, Psicólogo
Delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa.

“
Como em
qualquer conto de
fadas, as histórias
começam sempre
com o
***Era uma Vez.*”**